

OS TAMBORES DE MARACATU: ARTESÃO, LUTHIER E DESIGNER

Marcel Costa Azeredo¹;
Adilson da Silva Mello²;
Carlos Alberto Máximo Pimenta³.

Introdução

O presente estudo tem como premissa a interdisciplinaridade a partir dos saberes do construtor de tambor, em que se estabelecem diálogos com os conhecimentos adquiridos na prática do artesão e seus entrecruzamentos do luthier e do design. Trata-se do relato de um construtor de tambor de maracatu de baque virado, manifestação cultural oriunda de Pernambuco, para proposição de revelar o saber-fazer contido nas técnicas da escolha do material para fabricar os tambores, suas estratégias de negociação e a composição da sua rede de sociabilidade.

As reflexões empreendidas se justificam pela insuficiência de pesquisas que coloquem o construtor de tambor como eixo estruturante do estudo, quanto mais associadas às preocupações do campo do Design, fato que qualifica este

¹ Mestre em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade (PPG-DTECS), da Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI). E-mail: azeredomarcel@gmail.com.

² Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), professor do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade (PPG-DTECS), da Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI). E-mail: prof.adilsonmello@gmail.com.

³ Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), professor do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade (PPG-DTECS), da Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI). E-mail: carlospimenta@unifei.edu.br.

esforço intelectual e as reflexões propostas, sem perder de horizonte os esforços publicados que enriqueceram o estudo.

O percurso pelos maracatus de baque virado nos impõe a seguinte pergunta: quais são os encontros do saber-fazer do construtor de tambor com o campo do design? Para uma resposta dentro das pretensões do design buscou-se aproximações entre o construtor de tambor, os elementos humanos e não-humanos e o seu saber-fazer, fato que se caracteriza com o objetivo da proposta.

A metodologia está alicerçada na pesquisa qualitativa com as saídas de campo realizada com o construtor de tambor Flávio “Itajubá”⁴ da cidade de Tremembé-SP, nos anos de 2021 a 2023. As entrevistas abertas com o pesquisado deram o tom do estudo ao evidenciar suas falas sobre a construção dos tambores e os registros visuais dos tambores foram feitos pelo celular dos pesquisadores, que posteriormente, foram hospedados no *Google Drive* dos mesmos.

O texto foi elaborado em três partes. Em um primeiro momento foi realizado um levantamento bibliográfico das produções científicas nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO) Brasil e Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que abordassem o construtor de tambor no campo do maracatu de baque virado, seguido, das produções que dialogam com os campos do maracatu, luthier e design. Em seguida, os dados coletados das entrevistas com as saídas de campo revelam os saberes do construtor de tambor e, por último, foi realizada a leitura dessas informações a partir da sociologia das associações proposta por

⁴ Construtor de tambor entrevistado para a pesquisa entre 2021 a 2023.

Bruno Latour (2012) com o esforço de construir a interdisciplinaridade com o campo do design.

Por entre estandartes, catirinas, caboclos, duques, duquesas, príncipes e princesas, dama do paço, vassalos, rei e rainha, baianas ricas com toda a sua beleza encantam o cortejo do Maracatu de Baque Virado ou Maracatu Nação. E são acompanhados pela orquestra de percussão que faz tremer o chão com os seus tambores, caixas, ganzás, agbês, patangomes, atabaques regidos pelo mestre de apito.

Esta manifestação cultural tem seu surgimento na região nordeste, mais especificamente, no estado de Pernambuco. Segundo IRNC do Maracatu Nação (2014, p. 13) “trata-se, portanto, de uma forma de expressão da cultura negra, [...] primordial na definição das identidades culturais pernambucanas, herança e resistência de negros e negras do passado.”

Os estudos a cerca da origem do maracatu nos remete aos “folcloristas e pesquisadores do século passado [...] de que a coroação de reis negros em Pernambuco era oriunda da cultura africana, trazidas pelos negros” (Oliveira, 2011, p. 17). Esteves (2020) afirma que os maracatus estão vinculados as Coroações de Reis do Congo, relatadas por viajantes nos séculos XVIII e XIX. Essa concepção é repensada pelos pesquisadores que apresentam uma perspectiva não-linear da história dos maracatus, como sugere Lima (2016) ao questionar o caráter homogeneizador e legitimador dessa manifestação cultural explorando a diversidade cultural do Nordeste com as pretinhas do congo, aruendas, cambindas, dentre outras.

Dentre os diversos elementos que compõem o maracatu de baque virado a religião tem um caráter central compondo os significados das práticas e

saberes das nações. Tzesanas (2010, p. 39) afirma “que as práticas e símbolos religiosos do maracatu, não são referentes apenas ao candomblé ioruba ou nagô [...] mas também remetem a cultos [...] como pajelança, toré catimbó e jurema.” Essa diversidade na expressão dos maracatus também é revelada por Lima (2014, p. 308) ao firmar “fortes ligações com as religiões de terreiro, a exemplo do xangô [...] há grupos em que a jurema e a umbanda também estão presentes”.

No território dos maracatus colocamos em evidência o construtor de tambor, contemplando o seu saber-fazer com as tecnologias, as estratégias laborais, as redes de sociabilidade e as afetações do artefato em suas redes. Conforme Filho (2016) o artefato e os atores são afetados continuamente nas disputas e nas relações sociais.

Os tambores podem ser compostos por madeiras de compensado de sumaúma de 4 mm que são envergadas e colocadas em um molde para ficar com o formato redondo, em seguida, são coladas as madeiras para dar reforço e sustentação ao artefato – na união das madeiras e nas bordas superiores e inferiores – em seguida as peles são colocadas no tambor com os semiaros que foram cortados dos aros. Essa parte foi destacada por muitas pessoas que compraram os tambores. Sua fabricação envolve o auxílio do marceneiro Toninho para o corte e nivelamento das madeiras e, posteriormente, um cuidadoso processo de colagem, secagem, furos e acabamento dos aros. Por fim os aros são colocados no tambor, as cordas são passadas para montagem e afinação do artefato.

Nas saídas de campo foi relatado as formas como o construtor de tambor maneja as inovações no artefato segundo Filho e Barros (2022) inovar é uma característica marcante do artífice colocando-o na posição de assumir e lidar

com os riscos. Foi revelado as novas técnicas de acabamento contribuindo para “novas funções e representatividades simbólicas” (FILHO, 2016. p. 93).

Essas inovações foram reveladas nas técnicas utilizadas com as madeiras que determinados clientes pediam porque faziam referência ao local que moravam, por exemplo: a muiracatiara – madeira usada para o corpo/bojo do tambor – e a palmeira imperial – madeira utilizada para o corpo/bojo do tambor, que especificamente nos remete a uma complexa rede envolvendo atores como: fiscais ambientais, profissional para cortar a palmeira nos tamanhos adequados sem danificá-las, o transporte e diferentes técnicas para ocar, em outras palavras, retirar o miolo da madeira. Essa complexidade nas redes revelam a preocupação do artífice ter uma produção com materiais locais e sustentáveis como percebido com os tambores para crianças.

A religião foi um elemento revelado no artefato pelo fato de clientes pedirem os tambores com referência aos orixás no corpo do tambor e, também, fatores que vinculassem a etnias indígenas, que foram feitas com a técnica de stencil pelo construtor de tambor.

Aproximar o construtor de tambor com o design permite segundo Souza e Barros (2022, p. 98) “ampliar a visão de um construtor [...] em forma de novas ferramentas, novos materiais, novas tecnologias e novos processos [...] processos de atualização”.

Nesse estudo conclui-se que o campo do design contribui ao pensar as possibilidades de atualização no saber-fazer do construtor de tambor, a organização da sua rede com os materiais locais, as afetações simbólicas entre o artefato e os maracatuzeiros, bem como a (re)elaboração do seu modo de trabalho marcado pelas disputas sociais.



Palavras-chave: Maracatu; Construtor de tambor; Teoria Ator-Rede.

REFERÊNCIAS

ESTEVEES, Leonardo. **“Viradas” e “Marcações”: a participação de pessoas de classe média nos grupos de maracatu de baque virado do Recife – PE.** Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

FILHO, Juarez Bergmann. **Artífices, artifícios e artefatos: narrativas e trajetórias no processo de construção da Rabeca brasileira.** Tese (Doutorado em Design). Programa de Pós-Graduação em Design, Universidade Federal do Paraná, 2016.

FILHO, Juarez Bergmann; BARROS, Thales Gonçalves; **"Atualizações em Processos Artesanais de Construção de Instrumentos Musicais na Luteria"**, p. 83 -98. In: Novos Horizontes da Pesquisa em Design: Coletânea de estudos do PPGDesign/UFPR. São Paulo: Blucher, 2022. ISBN: 9786555502312, DOI 10.5151/9786555502312-05

IPHAN. **INRC do Maracatu Nação: Inventário Nacional de Referências Culturais** (Dossiê). Brasília: IPHAN, 2014.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. **Maracatu-nação e Grupos Percussivos: diferenças, conceitos e histórias.** In: Inventário cultural dos maracatus nação. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 61, p. 303-328, jul/dez. 2014. Editora UFPR.

Lima, Ivaldo Marciano de França. **As nações de maracatu e os grupos percussivos: as fronteiras identitárias.** Afro-Ásia. 2014, n. 49, pp. 71-104. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/afro/a/Hds4YCctdTvK3yG9CVVPVxt/?format=pdf&lang=pt>. Epub 16 Jul 2014. ISSN 1981-1411. Acesso em: 08 de set 2023

TSEZANAS, Julia Pittier. **O maracatu de Baque Virado: história e dinâmica cultural.** 2010. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. doi:10.11606/D.8.2010.tde-19072010-141500. Acesso em: 15 de ago 2023.

